

Espelho
Mágico
uma
história
do
cinema

**ORFEU
NEGRO**

Francisco
Valente

OBRA PUBLICADA COM OS SEGUINTE APOIOS:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



cinemateca
portuguesa
ARQUIVO - LACINA - P

TÍTULO

Espelho Mágico:
Uma História do Cinema

AUTOR

Francisco Valente

REVISÃO LINGUÍSTICA

Nuno Quintas | oficinaaixaalta.pt

REVISÃO CIENTÍFICA

Maria João Madeira

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2024 Francisco Valente

© 2024 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Junho 2024

DL 533491/24

ISBN 978-989-9071-99-5

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

ÍNDICE

Um comboio que acelera na noite	11
Fantasma (<i>They Live</i>)	25
Um rosto na multidão	55
Uma tela chamada desejo	111
Uma magnífica obsessão	151
Viver e esquecer	201
Depois do fim	241
Uma nova vaga	271
<i>The dream is over</i>	347
<i>We could be heroes</i>	429
A idade maior	485
Sonhos de ouro	511
<i>There is a light that never goes out</i>	555
Índice de filmes	611

Para os meus pais

*When I was young, I never dreamed of this.
I dreamed of colors and falling, among other things.*

NEIL YOUNG

UM COMBOIO QUE ACELERA NA NOITE

O Estranho Caso de Angélica

(2010), Manoel de Oliveira

Sallie Gardner at a Gallop (1878),

Eadweard Muybridge

—

L'Arrivée d'un train en gare de

La Ciotat (1895), Auguste

Lumière, Louis Lumière

Annabelle Serpentine Dance (1895),

William K. L. Dickson, William

Heise

La Sortie de l'Usine Lumière à Lyon

(1895), Auguste Lumière, Louis

Lumière

La Fée aux choux (1896), Alice

Guy-Blaché

—

Le Voyage dans la Lune (A Viagem

à Lua, 1902), Georges Méliès

The Great Train Robbery (1903),

Edwin S. Porter

Suspense (1913), Lois Weber, Phillips

Smalley

Numa Sexta-Feira Santa, encontrava-me num comboio a caminho do Porto para entrevistar Manoel de Oliveira sobre *O Estranho Caso de Angélica* (2010), filme que evoca um acontecimento da vida real do realizador: em jovem, ao tirar uma fotografia a uma rapariga recém-falecida deitada no divã de uma sala, viu, ao mexer no foco da sua máquina fotográfica, o corpo dela duplicar-se, parecendo-lhe que a alma saía do corpo. Com um mecanismo que fotografa a realidade, Oliveira viu nascer uma ilusão: a figura de uma mulher mover-se, como se a vida continuasse além da morte física. Foi esse o ponto de partida para Oliveira assinar, décadas depois, um filme inspirado nesse acontecimento e prestar homenagem ao nascimento do cinema, arte que deu um movimento às imagens fixas da fotografia. *O Estranho Caso de Angélica* é, de certa maneira, um filme sobre o «estranho caso» do cinema: algo que reproduz a realidade do dia-a-dia e outra realidade que surge nos quartos onde nascem os nossos sonhos, sugerindo que o cinema, além de responder ao nosso inconsciente, nos deixa ver no escuro de olhos abertos.

Se este livro nasce num comboio, é porque o cinema tem algo de semelhante ao movimento de uma locomotiva: era visto através da projecção de rolos (carruagens)

de película, unidos pelo mecanismo de projectores (carris) que contavam, a espectadores (passageiros), a ilusão de uma história (viagem) com imagens retiradas da realidade (janelas). Não por acaso, ainda precisamos de comprar um bilhete para entrar num comboio, mas, se ainda vemos picas nas carruagens, as histórias começaram a vender-se de outra maneira nas salas de cinema: hoje ainda vemos filmes, mas já não são feitos de película, nascendo antes da junção de números e linhas de código, num disco informático, em que alguém carrega no botão *play* para se dar início a um movimento.

Manoel de Oliveira (nascido em 1908), cuja vida acompanhou quase toda a História da película – *Sallie Gardner at a Gallop* (1878) ou *The Horse in Motion*, de Eadweard Muybridge, são tidas como as primeiras sequências de imagens em movimento –, ainda chegou a recorrer ao suporte digital. Nessa Sexta-Feira Santa de um realizador que tanto trabalhou sobre a fé (e o cinema também precisa dela para acreditarmos no movimento das imagens), as suas últimas palavras foram: «O cinema é o espelho da vida, não temos outro¹.» O cinema existe então para responder a um desejo: ver a vida passar à nossa frente, entendê-la melhor, e vivermos redobradamente. Não seriam as palavras de Oliveira as de um optimista sobre uma arte cuja morte foi decretada várias vezes? Se o cinema dá vida a tudo o que morreu, como Angélica, a discussão sobre aquilo que traz às nossas vidas nunca encontrou um fim. Todos gostaríamos de poder viver para

1 «O cinema é o espelho da vida, não temos outro», «Ípsilon»/*Público*, 29 de Abril de 2011.

sempre – nem que seja por uma hora ou duas para sentirmos uma amostra da eternidade. Será essa a razão para continuarmos a ver filmes?

Quando vemos o nosso rosto num espelho, nunca discernimos a razão para existirmos: vivemos, pois é o nosso desígnio. Desconfiemos, por isso, de qualquer filme ou pessoa que nos diga a razão para se ter inventado o cinema ou aquilo que o cinema é verdadeiramente. Quando surgir uma resposta unânime, talvez nesse dia deixemos de ver e fazer filmes ou de querer acordar, olhar-nos ao espelho e descobrir o que um dia nos pode oferecer. Pela mesma razão, esta História do cinema (e os seus filmes) não pode encarar-se como definitiva. Deve ser vista como uma viagem de comboio em que seguimos em frente, na linha do tempo e dos sonhos, enquanto olhamos por janelas e visitamos paragens até um destino que será redescoberto, no futuro, como uma cidade a que regressamos com outras bagagens, experiências, e outros filmes entretanto descobertos pela nossa curiosidade. É consequência, por isso, de uma história pessoal – a de um espectador, crítico, programador, realizador – feita de visionamentos, entrevistas, ciclos, leituras, ou experiências com quem fez filmes e trabalhou em rodagens, festivais, e episódios cinematográficos de várias ordens em que estive envolvido. Uma viagem que, sendo minha, se fez em conjunto com outros espectadores, tal como na criação de um filme, em que um grupo de pessoas constrói uma perspectiva do mundo através das imagens e dos sons em movimento.

Este livro é o resultado dessa aprendizagem, por isso, e resposta a uma obsessão que nunca morre: mergulhar

no romance que existe entre nós, espectadores, e as imagens em movimento, extraíndo, de diferentes capítulos, um reflexo transparente sobre aquilo que somos, mas não conseguimos ver à luz do dia.

Falando de comboios, reza a lenda que os primeiros espectadores de cinema fugiram a sete pés de uma locomotiva que se dirigia aos seus olhares. *L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat* (1895) mostra assim um comboio a chegar a uma estação num eixo dirigido a quem está sentado na sala de cinema. Alguns deles, quais passageiros em cima de carris, terão acreditado que o comboio lhes vinha provocar a morte. Se as imagens contêm coisas e pessoas que já morreram, é por acharmos que elas vivem, contudo, que reagimos ao seu movimento de maneira intensa, seja correndo para fora da sala como nos agarrando às cadeiras onde nos sentamos.

O filme, que não chega a um minuto de duração, foi um de vários produzidos pelos franceses Auguste e Louis Lumière, irmãos também responsáveis pelo desenvolvimento do cinematógrafo: um pequeno aparelho que filmava imagens de dia e as projectava à noite numa sala escura para um grupo de pessoas. *Lumière*, em francês, significa «luz», e foi em busca dela que Thomas Edison desenvolveu e comercializou, em 1880, uma lâmpada eléctrica incandescente que levou, em 1889, à criação de uma das primeiras versões conhecidas de um projector: o cinetoscópio. Apenas um espectador podia ver as suas imagens,